

A GEOGRAFIA EM SALA DE AULA: REFLEXÃO E AÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Gilcileide Rodrigues da Silva¹
Jacqueline Rodrigues Moraes²

Resumo:

A discussão proposta pretende relatar um pouco do trabalho realizado no estágio do Curso de Geografia e destacar a experiência trabalhada no terceiro ano do ensino fundamental I e no primeiro científico do ensino médio nas escolas das redes públicas: estadual e municipal. Assim como, mostrar sua importância para a formação do professor enquanto pesquisador. Desta forma, procurou-se refletir sobre sua ação e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem em geografia, atentando para a importância da disciplina, considerando que esta, deve contribuir para a formação do aluno cidadão, numa perspectiva tanto pedagógica, como geográfica. A discussão proposta relata um pouco dos projetos desenvolvidos para alunos do ensino fundamental e médio durante o estágio em forma de minicurso. É importante, destacar que o minicurso é uma ação intencionalizada, uma forma de pensar um conteúdo proposto pela escola, sem com isso, tenha que obedecer aos programas definidos no livro didático. Na verdade, todo o trabalho do projeto de estágio é definido a partir da escola, ou seja, da necessidade de ampliar uma determinada temática sugerida pelos professores da disciplina de geografia ou áreas afins. Este procedimento possibilitou que o conteúdo do estágio deixasse de ser algo imposto pelo livro didático adotado pela escola para ser uma ação intencionalizada, pensada e planejada com base na realidade local.

Palavras-chave: Geografia; representação; espaço; estágio.

Resume:

La proposition est de discuter le rapport un peu de travail accompli sur scène, dans le cours de géographie et de mettre en évidence l'expérience acquise dans la troisième année d'école primaire et de la première école secondaire dans les écoles des réseaux publics: l'État et des municipalités. En plus de montrer son importance à la formation de l'enseignant en tant que chercheur. Ainsi, nous avons essayé de réfléchir sur leur action et leurs implications pour le processus d'enseignement et d'apprentissage en géographie, compte tenu de l'importance de la discipline, alors que cela devrait contribuer à la formation de l'étudiant citoyen, une perspective d'éducation et géographique. La proposition de discussion de certains des projets élaborés pour les élèves du primaire et du secondaire pendant le stage comme une mini. Il est important de souligner que le mini est un intencionalizada action, une manière de penser le contenu proposé par l'école, sans avoir à satisfaire les programmes définis dans le manuel. En effet, tous les travaux de la phase du projet est définie à partir de l'école, c'est-à-dire la nécessité de développer un thème suggéré par les enseignants de la discipline de la géographie ou des domaines connexes. Cela a permis le contenu de la

¹ Doutoranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP

² Mestranda em Geografia

scène n'est plus quelque chose d'imposé par les manuels scolaires adoptés par l'école d'être une action intencionalizada, conçue et planifiée basée sur la réalité locale.

Mots-clés: géographie, la représentation, l'espace, la scène.

Introdução

O estágio supervisionado ministrado como disciplina de prática de ensino em geografia, adotou a proposta de intervenção através de minicurso, baseado na experiência de Carvalho (1994) e Lima (2002) na qual consiste em trabalhar projetos a serem desenvolvidos pelos alunos estagiários nas escolas da rede pública. Os trabalhos dos estagiários devem levar em consideração três aspectos fundamentais no desenvolvimento dos estágios:

- 1) As atividades de estágio somente poderão ser consideradas atividades humanas e entendidas como práxis pedagógicas quando essa prática apresentar as características de uma intencionalidade, tendo presente, portanto, um dos seus elementos básicos, qual seja, a reflexão; 2) o atual nível de elaboração teórica dos modelos pedagógicos é ainda incipiente, porém não devemos desconsiderá-los, ao contrário, isso deve nos incentivar a, partindo de hipóteses e de modelos mais abertos, buscar possíveis teorias como características científicas; 3) a atividade científica é um exemplo, por excelência, da íntima relação teoria/prática e pode ser vista como um caminho privilegiado para que os estágios supervisionados tornem-se momentos de articulação profunda entre teoria e prática, momentos de problematização da

prática pedagógica e, por isso, um lugar de produção de conhecimento (Carvalho, 1994, p. 23).

O estágio desenvolvido a partir desses três pressupostos destacados, é compreendido como uma ação intencionalizada que se apóia numa fundamentação teórica capaz de caracterizar-se como uma atividade científica. É importante reforçar que a finalidade do minicurso consistiu em aprofundar as discussões, principalmente aquelas sugeridas pelo público trabalhado, possibilitando uma troca de experiência.

A proposta de estágio minicurso para a comunidade não é um treinamento comum, verticalizado, burocratizado, mas um curso com características próprias, identificado com nossa maneira de conceber a educação, com nossos ideais e utopias, em consonância com a realidade na qual estamos inseridos, com reais possibilidades dos estagiários e as aspirações da comunidade (Lima, 2001, p. 28).

A partir de determinados pressupostos que levem em consideração um levantamento preliminar da localidade; discussões significativas da escolha da temática para ser trabalhada; elaboração do projeto de intervenção; aplicação e avaliação. Estes elementos são partes constitutivas do trabalho que se desenvolveu no estágio definidos a partir da escola e da necessidade de ampliar uma determinada temática sugerida pelos professores da disciplina ou áreas afins.

Compreende-se que o trabalho em sala de aula exige do professor, cada vez mais conhecimentos, recursos didáticos, criatividade, leituras etc (ferramentas que possam fundamentar sua prática). Contudo, suas habilidades ainda estão limitadas a sua

formação inicial e presa a uma resistência alicerçada pela experiência acumulada em contextos pretéritos. Pensar a geografia escolar é estar predisposto a entender e a explicar as transformações que se dão no tempo e no espaço.

A sala de aula expressa de forma clara e objetiva, as contradições de nossa sociedade, com seus conflitos de ordem social, política, econômica e cultural. É na sala de aula que se observa a distorção da sociedade, manifestada na conduta dos alunos. A manifestação discente está, em parte, relacionada aos fatores externos: condições socioeconômicas das famílias, ao grau de instruções dos pais, os escassos recursos públicos, a política educacional entre outros. Não é necessário listar inúmeros problemas para perceber que essas questões atuam em conjunto e se articulam num eterno conflito aberto, nesse processo expresso no cotidiano.

Pedagogicamente, o ensino e a aprendizagem estão totalmente comprometidos com essas questões. No entanto, a luta do professor (a) em sala de aula, as vezes, parece uma luta solitária. O professor esforçando para conduzir um trabalho pedagógico e os alunos dispersos e sem interesse na aula.

E a geografia, qual o seu papel? A geografia, como disciplina escolar, deve refletir sobre tais questões, numa perspectiva que possa inserir duas discussões fundamentais. A primeira numa perspectiva pedagógica, isto é, a relação ensino e aprendizagem e a segunda, a própria concepção de geografia, principalmente por envolver historicamente uma ampla discussão de seus pressupostos teórico-metodológicos (Castellar, 2001).

A compreensão do espaço geográfico pressupõe analisar suas categorias tanto internas como externas, pois estas possibilitam explicar o conhecimento geográfico de forma sistemática, definindo seu conteúdo a partir de cada recorte que se faz do espaço. A representação de cada porção do espaço pode ser expressa na paisagem, no território, na região e no lugar.

Em um segundo momento, discutiu-se a intervenção pedagógica como uma fundamentação baseada em determinados pressupostos que orientou o trabalhos dos alunos estagiários para que de forma efetiva eles pudessem abordar a realidade dos alunos da educação básica.

Na verdade, todo o trabalho desenvolvido no estágio é definido a partir da escola ou da necessidade. Este procedimento possibilitou que o conteúdo do estágio deixasse de ser algo imposto pelo livro didático adotado pela escola para ser uma ação intencionalizada, pensada e planejada com base na realidade local.

O espaço de vivência: trabalhando com os 3º. anos do ensino fundamental I

Os alunos estagiários do Curso de Geografia optaram em trabalhar os anos iniciais, especificamente o 3º. ano do ensino fundamental I. A escola pertencente à rede pública de ensino do município, localizada no bairro Alto Brasília, Sobral/Ceará, permitiu que fosse desenvolvida a proposta de estágio em três turmas de 3º. anos, consideradas regulares, isto é, alunos que estão em acordo com idade e o ano escolar e sabem ler e

escrever

Como forma de estudar o espaço a partir da aquisição do conhecimento da criança elegeu-se como categoria de análise o lugar, por melhor conduzir o conhecimento do espaço geográfico, capaz de promover a discussão com os alunos do 3º. ano do ensino fundamental. A categoria lugar permitiu trabalhar o espaço de vivência da criança considerando as relações que são construídas no dia-a-dia, no espaço da casa, da rua, do bairro, da escola e em outros lugares que a criança mantém uma interação sócio-espacial.

Para estudar geografia a partir do 3º. ano considerou-se a relevância da temática para a compreensão dos alunos respeitando o nível de desenvolvimento psico-biológico e a capacidade de conduzir uma aprendizagem significativa e significante para o educando. Então, buscou-se trabalhar com a espacialidade da escola, da rua, do bairro, da casa como forma de perceber o espaço vivido e construir em conjunto uma representação espacial do lugar.

Para a construção da proposta os alunos estagiários consultaram: as professoras das turmas de 3º. anos, a coordenadora pedagógica e o diretor. Cada um desses mostrou um pouco da escola para os alunos estagiários destacando a realidade da escola, as dificuldades no ensino e aprendizagem, assim como os problemas existentes na escola. Na verdade, este procedimento permitiu fazer um diagnóstico da escola e conhecer as turmas de 3º anos, para quem se destinou a elaborar o minicurso.

Para o embasamento teórico, a categoria de análise eleita foi o lugar, que segundo Santos (1997)

Cada lugar é, a sua maneira, o mundo. Ou, como afirma Maria Adélia de Souza (1995, p.65), todos os lugares são virtualmente mundiais”. Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferentes dos demais. (SANTOS, 1997, p.252).

Ainda em consonância com o autor, reconhece o lugar como o da existência que serve para tratar o espaço geográfico do mundo vivido, considerando as variáveis: objetos, ações, a técnica, o tempo. Desse modo, o lugar é um espaço de vivência e onde de fato, as coisas acontecem e que mantém um uma relação lugar e mundo ou local e global.

O projeto minicurso considerou os aspectos pedagógicos e geográficos, desse modo, compreendeu-se que os alunos ainda estão em processo de alfabetização e para a geografia ensinar a ler significa “criar condições para que a criança leia o espaço vivido. Ensinar a ler o mundo, a realidade é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens” (CASTELLAR, 2000, p.29).

Desta forma, o compromisso educacional que deve assumir a disciplina de geografia deve ser compreendida nos anos iniciais como parte do processo de alfabetização, porque é importante para criança a leitura do mundo. E a forma “mais eficiente de alfabetizar efetivamente si dá através da cartografia, mediado pelo desenvolvimento

das habilidades operatórias típicas do trabalho de representação gráfica” (CASTELLAR, 2000, p. 29).

O minicurso trabalhou com os terceiros anos do ensino fundamental o tema: “espaço de vivência” fundamentado numa compreensão de lugar o que conduziu a uma organização do conteúdo envolvendo os seguintes aspectos: espaço de viver: a escola, os endereços; descrição do percurso casa/ escola; o quarteirão da minha casa, o quarteirão da minha escola, lugar, associando as variáveis: os objetos, as ações, a técnica, o tempo.

Para trabalhar o endereço do aluno, mostraram aos alunos os diferentes tipos de endereços através de transparências que ilustravam o real significado de um endereço e sua importância. Posteriormente, foi distribuído entre os alunos um cartão personalizado na qual o aluno deveria identificar-se pelo nome e o endereço. Durante a atividade percebeu-se que a maioria dos alunos não sabia o nome da sua rua. Como forma de auxiliar a descoberta do nome da rua dos alunos, os estagiários levaram mapas e cartas da cidade que permitiram localizar o endereço dos alunos.

Para a representação do espaço da criança, levaram os alunos a construir o percurso de casa para a escola. Para tal, foram formados pequenos grupos que na medida do possível iam construindo numa cartolina o trajeto de casa para a escola. Esta atividade foi relevante porque alguns alunos conseguiram fazer uma representação gráfica de percurso e definindo com símbolos estratégicos que representava o local de forma significativa para singularidade da criança.

Outros aspectos percebidos durante a construção do percurso foi que os alunos tiveram muitas dificuldades nas relações topológicas ficando expressiva quando o aluno precisava definir as noções de direita, esquerda, frente, atrás. O que nos revelou as dificuldades encontradas para construir espaço real numa proporção menor, embora outras crianças tenham demonstrado habilidades para representação gráfica do espaço vivido.

A cartografia básica nas turmas do primeiro científico do Ensino Médio

Com a mesma finalidade de elaborar uma proposta para escola que estivesse voltada para os interesses ora do aluno do ensino médio ora da própria escola. Os alunos do Curso de Geografia estagiaram na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho, localizada no bairro do Junco na cidade de Sobral/Ceará.

O projeto intitulado “a cartografia básica” foi desenvolvido em três turmas dos primeiros anos científicos do ensino médio. O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de levar os alunos à compreensão dos conhecimentos cartográficos básicos, fazendo com que esses conhecimentos permitisse uma melhor interpretação cartográfica.

A temática proposta se justifica pela necessidade dos alunos em determinadas noções básicas de cartográfica, uma vez que, os mesmos não tinham compreendido em outros momentos da vida escolar ou mesmo que tenham ficado pedidos com o tempo tais conceitos cartográficos. Assim, os estagiários apoiados na necessidade da escola (conforme consulta feita aos professores e coordenador pedagógico) elaboraram o

projeto do minicurso voltado para cartografia.

A primeira explicação foi relembrar para os alunos do que trata a cartografia, ou seja, a definindo como a ciência que trata da representação da terra ou parte dela através de mapas, cartas e outros tipos de projeções cartográficas (História da Cartografia, 2008).

O breve histórico da cartografia retratou os seguintes aspectos: na pré-história com a utilização de pinturas (inclusive pinturas rupestres feitas com a intenção de representar o caminho dos locais onde havia caça); a contribuição de diferentes povos da antiguidade como os Sumérios (primeiro mapa da história), os astecas (como o “Mapa de Tecciztlán” que contém dados sobre a fauna da região), Os egípcios e chineses (desde o século IV a.C), os egípcios (usava o mapa como ferramenta administrativa, para cobrar impostos e demarcar a terra), os gregos que criaram o sistema cartográfico contemporâneo nascido nas escolas de Alexandria e Atenas (História da Cartografia, 2008).

Como forma de exercitar as técnicas cartográficas dos alunos, após a exposição, os mesmos foram orientados a elaborar uma representação espacial da sala de aula utilizando escala e a pensar numa projeção com os instrumentos disponíveis.

Os materiais disponibilizados foram: tesoura, papel e pincel. A partir da revisão de escala os trabalhos foram organizados em grupos. Cada grupo construiu uma representação do espaço da sala de aula usando escalas diversas. A técnica consistia em primeiro passo, na medição da sala de aula (largura e comprimento da sala, das janelas e porta) através de uma trena, após terem sido feitas todas as medidas, partia-se para a elaboração dos croquis que foram apresentados em seguida pelos grupos (como pode ser observa a seguir).

Verificou-se que o trabalho foi de grande importância para a aprendizagem dos alunos, pois este conseguiu unir teoria e prática, trabalhou-se numa perspectiva de construção da própria aprendizagem, incentivando-os a produzir os meios para se chegar ao conhecimento, a aula tornou-se mais dinâmica de modo que os estudantes tornaram-se mais participativos e demonstraram interesse pelo conteúdo apresentado.

As noções de orientação e localização no espaço geográfico utilizando a rosa dos ventos, mostrando os pontos cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste e os colaterais: Nordeste, Noroeste, Sudeste e Sudoeste foram orientados também na interpretação de mapas e globo.

Além dos trabalhos realizados com os mapas, os alunos também trabalharam as projeções cartográficas, fazendo uso de materiais reaproveitáveis (garrafa *pet*) lanterna, tesoura, papel vegetal e pincel. A proposta consistia em levar os alunos a confeccionar seu próprio material de uso na apresentação das projeções cartográficas.

Desta forma, verificou-se que os alunos permaneceram atentos durante toda a aula, pois as projeções foram apresentadas com o uso dos instrumentos mencionados. A utilização da lanterna possibilitou a projeção de diferentes posições, onde se obteve uma imagem projetada no papel vegetal em forma: plana ou polar, azimutal e cônica ou cilíndrica (como pode ser observado nas figuras).

É importante destacar, que deixou claro para os alunos do ensino médio que atualmente, são utilizadas fotos áreas e de satélites para a elaboração de mapas e cartas e cada vez mais, são utilizados eletronicamente, descartando a necessidade de impressão.



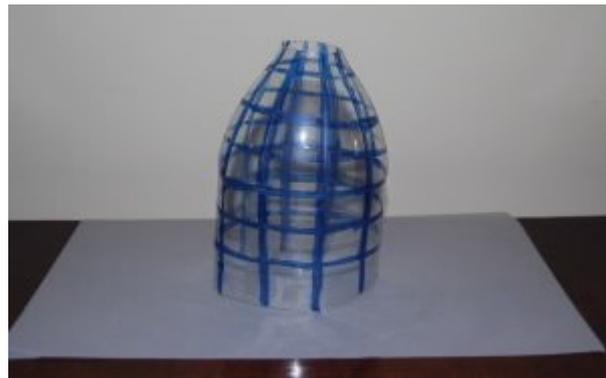
Projeção Plana ou Polar



Projeção Cilíndrica



Projeção Cônica



Materiais usados na demonstração das projeções

Compreende-se que o minicurso é meio para promover as revisões dos conteúdos trabalhados ao longo da vida escolar dos estudantes, pois tem como objetivo revisar e verificar o nível de amadurecimento intelectual e pessoal dos estudantes.

Desta forma, procurou-se refletir sobre sua ação e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem em geografia, atentando para a importância da disciplina, considerando que esta, deve contribuir para a formação do aluno cidadão, numa perspectiva tanto pedagógica, como geográfica.

A troca de experiências e a partilha dos saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais, cada professor é chamado para desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formado. O diálogo entre professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática docente (LIMA, 2001, p.42).

Considerações Finais

O trabalho desenvolvido pelos alunos estagiários foi de grande importância, tanto para o próprio grupo como para o professor titular e as turmas que tiveram o privilégio de trocar informações e conhecimentos de forma calorosa e dinâmica, a ajuda do professor titular foi importante no sentido da condução da aula, das informações sobre os alunos, dos esclarecimentos sobre horários, dos recursos que poderiam ser utilizados para um melhor desempenho e aproveitamento do mini-curso.

Neste sentido, contribuiu para o crescimento mútuo de cada membro envolvido no processo, assim como afirma Lima (2001, p. 42): “haverá possibilidade de realização de um trabalho de melhor qualidade, quando um grupo é articulado no sentido de estar coeso para realizá-lo”.

O minicurso também oportunizou a troca de experiências e a própria vivência dentro da realidade escolar, mostrando como funcionam os estabelecimentos públicos educacionais em seus vários aspectos, positivos e negativos. A visão maior da realidade foi um dos aspectos que também contribuiu para a aprendizagem individual do aluno estagiário e dos alunos da educação básica.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. D. *et alii*. **O espaço geográfico. Ensino e representação**. São Paulo. Ed. Contexto, 1989.

CAVALCANTI, Lana. Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. São Paulo. Ed. Papirus, 1998.

_____. **Geografia e praticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002

CASTELLAR, S. M.V. **Alfabetização em geografia**. São Paulo. Ed. Unijuí. 2000.

_____. **Geografia, 5ª. Serie: historiam da cartografia, localização e orientação da paisagem: formação e transformação**. São Paulo: Quinteto editorial, 2001.

HISTÓRIA DA CARTOGRAFIA. Disponível em: www.super.abril.com.br acesso em 04. abr. 2008.

KOZEL, Salete. **Didática de geografia: memórias da terra: o espaço vivido**. SP. FTD, 1996.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **A hora da prática. Reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente**. 2ª. Ed. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2001.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia e ensino: os parâmetros curriculares nacionais em discussão**. In: CARLOS, A . F A , OLIVEIRA, A . U. (org) Reformas no mundo da educação, parâmetros curriculares e geografia. São Paulo. Contexto, 1999.

PIAGET, Jean. **Seis estudos em psicologia**. 21^a. Ed. Forense, Rio de Janeiro, 1995

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2^a. Ed. SP. Hucitec, 1997

TONINI, I. M. **Identidades capturadas. Povos e culturas no livro didático de geografia**. Porto Alegre. 2000 (tese de doutorado).